JORNAL: Jornal do Comércio LOCAL: Guanabara.

DATA: 22/08/1965 AUTOR: Miranda Netto

TÍTULO: O Pequeno Yniold no MAM.

ASSUNTO: Expo "Opinião 65" e outros mais, vistos por Miranda Netto

Instituto de Arte Contemporânea

Folhetim do «JORNAL DO COMMERCIO»

Domingo, 22 de Agôsto de 1965

O PEQUENO YNIOLD NO MAM

Está o Museu de Arte Moderna com cinco exposições. Krajcberg, Flávio-Shiro Liuba, os artistas do grupo Opinião 65 e — em outra ala — sob a esplêndida nave de Reidy, que se estende harmoniosamente entre os grandes montantes de concreta — os pintores de outro grupo, Comparaison 65. Digo mal, porque Comparaisons não é grupo, é federação, como diz o seu programa.

Quando caminhei para o Museu o sol do crepúsculo compunha um fundo inimitável para os arranhacéus que começavam a iluminar-se. A passarela, também do grande Reidy, era uma especie de balcão, suspenso entre o céu e o asfalto trepidante de luzes rápidas e descargas de motores de explosão, de onde se podia ver o mundo transfigurado, ao entrar no ordenado jardim, com espelho dágua e repuxos êle descansava obrigado pelas arestas vivas das paredes, que destacavam sôbre o ceu avermelhado. Lá dentro os meninos e as meninas de Ivan Serpa pintavam, livremente, cada qual escolhendo o seu tema e afirmando uma personalidade em botão. Tudo isso era tão admiràvelmente explicativo do mundo moderno que o primeiro desejo seria ficar por ali, vendo o Museu contra o céu que começava a arroxear, olhando aquela flôr fina e alta que a meninazinha loura perfilava sôbre o esquio retângulo do vaso, sublinhando o contôrno com um traço negro, como fazia Botticelli. Mas afinal havia cinco exposições a ver e que mereciam ser vistas.

Comecemos com o catálogo de Comparaisons. Jean Cassou, conservador-chefe do MAM de Paris, que é um museu nacional, escreve o prefácio. No fim refere-se ao «pequeno Yniold, que queria dizer algo a alguém...» Deve ser o filho de Goulaud, de Pelléas et Mélisande. E' curioso que à vista daquele céu e daquela calma que, de repente se abria em meio à cidade atormentada, os simbolistas me tinham vindo à memória, especialmente o nosso Eugênio de Castro, tão esquecido. Nosso, digo, porque apesar das distâncias de espaço e de tempo ainda falamos a mesma língua.

Justamente ao ler o nome Yniold, citado por Jean Cassou, lembrei-me do final do terceiro ato de Pelléas. «J'ai terriblement peur...» gritava Yniold, ao olhar, dos ombros do pai, os dois amantes de olhos abertos, eternamente abertos. «Ils ne ferment jamais les yeux...» continuava Yniold, que tinha algo a dizer a alguém. «Je n'ose plus régarder, petit-pére!.. Laissez-moi descendre!...»

Porque teria Jean Cassou citado Yniold? Os nossos conservadores não são muito amigos dos poetas, principalmente de Maeterlinck e dos poetas simbolistas. No caso, parece-me que a atitude do pequeno Yniold é explicação suficiente, como diziam os filósofos medievais, para muita cousa que parece incompreensível na arte 65.

De propósito não digo arte moderna nem arte contemporânea. Quero fixar-me em uma data. Êste ano de 65 é um ano desesperado. Começamos a ver que os erros acumulados já se amontoam em alturas demasiadas. Pela primeira vez o homem tem a consciência aguda de que pode auto-aniquilar-se. Pela primeira vez há um instrumento capaz de exterminar tôda a humanidade, parte em poucos minutos, a outra parte em agonia lenta, que se prolongará talvez por algumas gerações, com os monstros genéticos causados pela irradiação. O artista sendo, essencialmente, uma consciência de exasperada sensibilidade, faz o papel dos pássaros nos submarinos ou nos sinos de mergulhador. Começa a bater as asas, em agonia, quando os homens ainda não se aperceberam de que o oxigênio já começa a lhes faltar.

Há dois refúgios para essa angústia. O absurdo e a revolta ou um retôrno às raízes pré-humanas. Ionesco e Beckett não fazem nada diferente do que certos artistas plásticos, vou citar um francês pouco conhecido entre nós, Christô. Êste rapaz de 27 anos, que pertence, digamos, à segunda "nouvella vague" tomou a lição do pop americano, em um sentido mais trágico, trágico e grotesco ao mesmo tempo. A associação não é assim tão paradoxal. O trágico como que se equilibra sôbre um fio, funâmbulo sutil que vai progredindo na corda bamba, oscilando sôbre a vaga ululante do grotesco. Shakespeare sabia disso, Ingmar Bergman também. Basta citar os anões espanhóis que fazem o contraponto de "Silêncio"...

Christô arma seus espantalhos e os reveste de panejamentos sujeitos com cordas. O "pacote" é o seu tema, um pacote fluido, ao mesmo tempo absurdo e lógico. Êsse aspecto notase, embora de um modo primitivo e às vêzes grosseiro, nos artistas do grupo chamado Opinião 65. Lá estão no catálogo dois contrastes. Os "monstros" de Serpa e o "Dejeuner sur l'herbe" de Alain Jacquet quadro que não está aliás em "Opinião" mas em "Comparaisons." Em Ivan Serpa já surge um gênero diverso dessa mesma angústia, o trágico goyesco, misturado ao absurdo.

A volta às raízes pré-humanas pode manifestar-se das mais variadas maneiras. O cubismo talvez tenha sido o primeiro passo. O homem, exasperado e desesperado, procura desligar-se do "humano" e mergulha no puramente biológico, as vêzes no físico ou no geométrico. Porque todo o despero vem dirètamente, iniludìvelmente, do próprio homem, não das cousas.

O abstracionismo geométrico é a mais fácil das formulas mágicas de evasão. Nestes mesmos folhetins ja mostrei a ligação de Mondrian com um filósofo mágico, H. J. Schoenmakers, neoplatônico. Frederick Kiesler, um dos corifeus do movimento De Stijl, afirmava abertamente: tôda minha obra é uma espécie de mágica".

Êsse sentido mágico aparece plenamente na obra de Krajcberg, mas transfigurado. Não é um abstracionista, nem um naturalista. Aliás um dos males maiores da arte moderna é o rótulo e o manifesto, quando não o gesto polêmico. Lord Rutherford, um dos grandes físicos da belle époque, precursor de todo o movimento que levou à desintegração do átomo e consequentemente à angústria da bomba, dizia com espírito que só há duas maneiras de fazer ciência: ou Física ou Filatelia. Por filatelia entendeu Rutherford tôdas as classificações que nos dão a ilusão de explicar alguma cousa, e que realmente só colocam as dificuldades em caixinhas com letreiro engenhoso. Assim vejo na exposição "Comparaisons" "naturalismo imaginário abstrato", "síntese", "ôvo ralismo e pop." Antes de nascida a criança já os pais se estão preocupando com o nome. Por isso nego o rótulo de "anti-pintura" dado à obra de Krajcberg.

Vemos no grupo Opinião uma legião de auto flageladores que, segundo suas próprias palavras, continuam perpetuando a auto punição "até chegar o tempo em que o artista poderá enfim mostrar a verdadeira face, a face límpida do homem". Krajcberg é o contrário disso. Não há nenhum desejo de auto punição em sua obra. O que êle faz é uma segunda criação, buscando no intrincado das raízes ou das pedras o sentido oculto. A lição de Leonardo sôbre os velhos muros é aqui seguida à risca.

O jôgo não será perigoso? Certamente que o é. Mas o que caracteriza verdadeiramente o artista é a garra. E ninguém poderá negar que Krajcberg possui a garra que marca fundo tôda a matéria sôbre a qual passa. Há bons e maus artistas, dominadores da matéria ou escravos dela. Quando o artesão consegue domar a matéria tudo que faça tem vida autêntica e nos ajuda a compreender o mundo ou a buscar nessa arte refúgio contra a angústia a que me referi.

É de mau gôsto invocar os psico-analistas, comentando a obra de arte. Mas assim como aquele céu de verão tropical em pleno agôsto me fêz lembrar Eugênio de Castro e o simbolismo, lembrança que, por acaso curioso se acentuou com a leitura do prefácio de Jean Cassou, também as raízes e as pedras de Krajcberg evocaram em meu espírito a idéia das "madres" goetheanas que são "avant la lettre" as fundas raízes do inconsciente dos psicoanalistas, que fabricam o homem, como as madres também tinham o monstruoso poder de evocar Helena para o segundo périplo de Fausto. Mas já fui longe demais. Um folhetinista corre em cancha curta.

Domingo que vem terei de explicar porque citei como contraste Serpa e Alain Jacquet. E também de continuar a contemplação encantada do mundo de Krajcberg.

Miranda Netto